AMBIENTE & EDUCAÇÃO
Revista de Educação Ambiental
E-ISSN 2238-5533

Meu repertório de pequenas alegrias: o diálogo entre afetividade e lazer no Parque Olhos D'água (DF)[1]

Vanessa Sousa de Oliveira[2]
Universidade de Brasília (UnB) – Brasil
https://orcid.org/0000-0003-1189-433X

Resumo: Compreender a experiência afetiva dos usuários com o parque que frequentam e analisar como se dá o diálogo entre lazer e afetividade é o objetivo deste artigo. A abordagem é fundamentada em estudo de caso, realizado no Parque Olhos D'água, localizado na cidade de Brasília (DF). A coleta de dados foi realizada por meio de observação direta, construção do mapa afetivo dos frequentadores do parque e entrevistas móveis semiestruturadas, costuradas à pesquisa bibliográfica e documental. Os resultados mostram que na dimensão individual, os participantes vivenciam uma rica e prazerosa experiência de lazer, manifestada pela estima potencializadora de lugar. Do ponto de vista coletivo, não estão inseridos em atuações que envolvam o parque em uma visão sistêmica dos processos socioambientais. A afetividade é um elemento potencializador, mas não definidor da ação coletiva.
Palavras-chave: Afetividade. Educação Ambiental. Lazer. Parque Ecológico Olhos D'água. Teoria dos afetos.

Mi repertorio de pequeñas alegrías: el diálogo entre afectividad y ocio en el Parque Olhos D'água (DF).

Resumen: El objetivo es comprender la experiencia afectiva de los usuarios del parque que frecuentan y analizar cómo se produce el diálogo entre ocio y afectividad. El abordaje se basó en un estudio de caso realizado en el Parque Olhos D'água, localizado en la ciudad de Brasília (DF). Los datos se recogieron mediante observación directa, construcción de un mapa afectivo de los usuarios del parque y entrevistas móviles semiestructuradas, combinadas con investigación bibliográfica y documental. Para el análisis de los datos, se utilizó la triangulación de métodos y técnicas, basada en el tratamiento de los datos empíricos y el diálogo con los autores. Los resultados muestran que, a nivel individual, los participantes experimentan una experiencia de ocio rica y placentera, manifestada por una estima del lugar que los potencializa. Desde el punto de vista colectivo, no se implican en acciones que impliquen al parque en una visión sistémica de los procesos socioambientales. La afectividad es un elemento que potencia, pero no define, la acción colectiva.
Palabras clave: Afectividad. Educacion Ambiental. Ocio. Parque Ecológico Olhos D'água. Teoría de los afectos.

[1]Recebido em: 31/12/2024. Aprovado em: 05/08/2025. O artigo é fruto de tese de Doutorado defendida na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB) em 29 de maio de 2023, orientada pela Profª Drª Claudia Marcia Lyra Pato (Faculdade de Educação da Universidade de Brasília; Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília).
[2] Socióloga, Mestre em Turismo e Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: vanessita.bsb@gmail.com

My repertoire of small joys: the dialog between affectivity and leisure at Olhos D'água Park (DF).

Abstract: The goal is to understand the affective experience of users with the parks they frequent and to analyze how the dialogue between leisure and affectivity takes place. The approach was based on a case study in the Olhos D'água Park in Brasília (DF). Data was collected through direct observation, constructing an affective map of park-goers and semi-structured mobile interviews, combined with bibliographic and documentary research. For data analysis, we used triangulation of methods and techniques, based on the treatment of empirical data and dialog with authors. The results show that, on an individual level, the participants experience a rich and pleasurable leisure experience, manifested by an esteem of place that is empowering. From the collective point of view, they are not involved in actions that involve the park in a systemic vision of socio-environmental processes. Affectivity is an element that enhances but does not define collective action.
Keywords: Affectivity. Environmental Education. Leisure. Olhos D'água Ecological Park. Affect theory.

Introdução

A experiência afetiva faz parte do repertório de componentes que qualificam os espaços públicos: o que os lugares significam para as pessoas, como se apropriam deles, como constroem seus vínculos. No lazer e nos espaços onde é vivenciado, manifestam-se sentimentos, crenças e representações de uma sociedade na sua relação com o trabalho, o tempo livre, o ócio e a ludicidade.

A fim de estabelecer diálogo entre as tradições que estudam o lazer, a educação ambiental, o espaço urbano e seus parques, construímos a categoria analítica da afetividade, na busca por compreender os afetos dos sujeitos em suas experiências de lazer. Os sentimentos que as pessoas nutrem pelo parque e os significados da experiência no lugar afirmam a máxima Espinosiana[3] de que sentir é um modo de conhecer.

O lazer tem *status* de dimensão social autônoma, interagindo com outras esferas do social (Gomes, 2008; 2014). Nesta investigação, abordamos as dimensões individual e coletiva das experiências de lazer em um parque ecológico, por meio da afetividade, definida como estrutura psíquica humana, expressada por emoções e sentimentos, mediadora da ação e organizadora do relacionamento das pessoas com os lugares (Bonfim; Delabrida; Ferreira, 2018).

Desenvolvemos um estudo de caso sobre a relação pessoa-ambiente em espaços públicos de lazer, cujo lócus foi o Parque Ecológico Olhos D'água, localizado na cidade de Brasília (DF). Esta investigação teve dois objetivos: compreender a experiência afetiva dos usuários com o parque que frequentam e analisar como se deu o diálogo entre lazer e afetividade no Parque Olhos D'água, no contexto da pandemia de COVID-19.

[3] Bento de Espinosa, filósofo holandês do século XVII, da linhagem racionalista moderna ocidental.

Espaço e lugar em sua relação com o lazer e os parques públicos

As interações ambientais são mediadas pela cultura, que produzem os significados sociais, dando-lhes direção. As percepções sobre a cidade e seus espaços estão em diálogo com o simbólico, indo além do visível, do palpável (Bonfim, 2010; Moreno; Pol, 1999; Valera; Pol, 1994). Na relação entre subjetividade e espaço, o espaço-lugar, para além de cenário, é sujeito da vida social.

O significado emocional do ambiente, que se constrói no cotidiano das pessoas com os lugares em que moram, trabalham, estudam, passeiam, "navegam", projetam estar, é definido pelos geógrafos humanistas como senso de pertencimento com o espaço vivido, uma produção da experiência humana (Buttimer, 1985; Relph, 1979; Tuan, 1980, 1983). Essa bagagem se expressa nas identidades pessoais e sociais.

O lugar é um elemento que compõe as identidades, e sua dimensão manifesta os sentimentos de pertencimento e de estima decorrentes da interação pessoa-ambiente, em um processo de reciprocidade entre fatores psicofísicos e histórico-culturais (Bonfim, 2008). E assim o espaço é metamorfoseado em lugar. Os espaços de lazer que frequentamos fazem parte desse repertório geo afetivo.

Santos (2002) aponta que o lugar, com todas as suas características singulares, não se encontra isolado, mas em uma rede geográfica de produção do espaço, constituindo-se em um ponto de ligação, no qual os lugares fazem a intermediação entre local e global. O local é particular, originado em interações históricas e culturais, mas interage dialeticamente com os processos globais.

As cidades contemporâneas e seus espaços de lazer se caracterizam como espaços singulares, ligados a fluxos globais, localizações geográficas conectadas pelas estruturas internacionais de produção, distribuição e consumo de bens e serviços (Carlos, 2007; Harvey, 1996; Santos, 2002). As redes internacionais de cidades se comunicam, dividindo imagens, interesses, intercambiando influências, que se manifestam na dinâmica socioespacial.

O conceito de parque do século XIX e de parte do século XX, um espaço físico isolado no ordenamento urbano local, fundamentado na presença de elementos naturais, com tratamento paisagístico, já não abarca a diversidade de espaços urbanos destinados ao lazer e à recreação (Sakata, 2018). O conceito tradicional não corresponde a toda a diversidade de parques existentes e de espaços públicos que têm uso social de parque.

A hibridização das funções sociais dos parques nas cidades rompeu a fronteira conceitual entre unidade de conservação e parque urbano. O primeiro é uma modalidade

de área protegida, com finalidades conservacionistas. O segundo possui finalidades de sociabilidade, recreativas, de lazer contemplativo, proteção de recursos naturais e ordenamento urbano. No contexto urbano, esses conceitos se fundem. E se confundem.

Assim, novos modelos vêm surgindo, adaptando-se às mudanças nas cidades globais, em que o espaço público vem sendo devorado pelos interesses econômicos. Vemos surgir desde parques lineares construídos em locais abandonados, sem vegetação e sem isolamento físico para acesso, com elementos estéticos de diferentes estilos, até *small parks*: pequenos espaços ajardinados nos topos de edifícios.

No Brasil, dois fenômenos sociais contribuíram para essa mudança: a demanda por novos espaços públicos de lazer nos centros urbanos, que ampliou o perfil de frequentadores e gerou acesso, antes inexistente, em diversas partes das cidades, e a necessidade de proteger recursos naturais para conter a urbanização descontrolada, a expansão imobiliária e a degradação do espaço urbano.

O lazer se relaciona com diversas esferas da vida, mas em particular com o trabalho, esfera na qual as dinâmicas das obrigações e dos prazeres se confrontam e se retroalimentam (Gomes, 2008). O lazer tem *status* de dimensão autônoma, com uma lógica interna própria de expressão, porém em constante interação com outras instâncias da existência (Gomes, 2014).

É preciso repensar os conceitos de lazer em um contexto de aceleração dos processos sociais, redução das fronteiras espaço-tempo, desregulamentação das relações de trabalho, avanço tecnológico e informacional e seus impactos nos sujeitos do lazer. Essa dimensão da vida social, o lazer contemporâneo, precisa ser compreendida como necessidade humana e dimensão da cultura (Gomes, 2014).

O aumento das demandas sociais por espaços de lazer, em um forte contexto de mercantilização das cidades, reflete as necessidades contemporâneas de expressão das subjetividades. Os parques são produções humanas de paisagens urbanas, que a despeito de serem estudados sob a perspectiva urbanística, geográfica e de gestão, necessitam ser analisados sob a perspectiva da experiência.

Sentir é um modo de conhecer: afetividade, educação ambiental e participação social

O resgate das emoções na produção da realidade faz parte dos processos formativos e informativos da Educação Ambiental. As relações sociais não se originam de abstrações, mas de intenções e ações concretas. A educação como processo social, dinâmico e em constante transformação, seja de ordem formal ou informal, é a mediadora

da construção de valores e de ação social, comprometida nas dimensões individual e coletiva.

Nas sociedades modernas, a autonomização das esferas da vida provocou uma ruptura no tripé ético que sustentava a relação sujeito-comunidade-planeta. A ciência moderna rompeu a relação entre o agir e o refletir sobre a ação, entre juízo de fato e de valor. A crise da ética se configura em uma crise das certezas estabelecidas pelo desenvolvimento como modelo de vida (Morin, 2017).

Ao adotar a categoria afetividade como base para a análise dos fenômenos socioambientais, integrada aos contextos nos quais se manifesta, propomos restabelecer a unidade corpo/mente, individual/coletivo, razão/emoção, subjetividade/objetividade, unificando o racionalismo moderno ao pensamento dialético materialista, como elemento fundamental para compreender os seres humanos em sua capacidade de potencializar transformações.

A modernidade promoveu a separação entre os elementos razão e emoção, pois as emoções não seriam o modo adequado de conhecer o mundo. Em Espinosa (2010), a equação razão/emoção, corpo/mente, subjetividade/objetividade é uma relação afetiva. Tudo que é vivo está em permanente ação no sentido de preservar a própria existência. Esse esforço é denominado de *conatus*, a potência de ação para existir. As variações do *conatu*s são denominadas de afeto.

Em Espinosa (2010), não há dissociação nem hierarquia entre corpo e mente. É no encontro entre os corpos que ocorrem os afetos. Os diversos afetos de alegria estimulam o ser humano a agir no mundo, a se movimentar, a transformar a realidade. Já os afetos tristes nos conduzem à redução de nossa potência. Quanto mais fortalecemos nosso *conatus*, mais nos encontramos com nossa essência.

A passagem do sentir para o agir depende da mudança nos afetos. Quanto mais o corpo conhece, mais a mente julga e interpreta. A dinâmica da afetividade, em Espinosa (2010), é o fortalecimento do *conatus*, ou seja, de si. E como o individual e o coletivo são interdependentes, qualquer mudança individual afeta o grupo, afeta a organização coletiva, afeta o social em sua variedade de arranjos.

Para Vygotsky (2001), a natureza do desenvolvimento humano é social. O que não é hereditário precisa ser aprendido. A natureza humana é fruto das relações sociais de uma sociedade em um tempo/espaço. É a qualidade da inserção dos sujeitos nessas relações, de seu acesso a esses repertórios que fundamenta a produção da consciência e de todos os seus comportamentos, culturalmente instituídos.

Inspirado em Espinosa (2010), Vygotsky (2001) aponta que cognição e emoção são funções psicológicas superiores interdependentes. Ao propor que pensar e sentir são categorias indissociáveis, desestrutura a concepção dominante sobre a natureza dos processos cognitivos serem puramente racionais e intelectuais. As emoções são processos bioculturais, que se transformam de acordo com o contexto sócio-histórico.

Em nosso contexto, a Educação Ambiental, sob uma perspectiva holística e interdisciplinar, busca compreender como as sociedades humanas afetam e são afetadas em seus ambientes de existência, orientada pelas bases instituídas no Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (TEASS, 1992).

A perspectiva holística acompanha também o pensamento de Ignach Sachs (1993), que aponta a sustentabilidade como uma estrutura com dimensões que precisam ser trabalhadas em conjunto: ecológica, social, ética e política, garantindo a manutenção e o uso racional dos recursos para esta e para futuras gerações (Sachs, 1993).

Estratégias de Educação Ambiental implicam em atitudes pessoais e ações coletivas na construção de um contexto sustentável. Como processo formativo, exige comprometimento individual e coletivo dos sujeitos envolvidos. Imersos e interagindo em seus ambientes, os sujeitos provocam a desestabilização necessária para a emergência de novas perspectivas.

Em uma visão Espinosiana, a participação é inerente à experiência humana, pois se origina no fortalecimento pessoal dos sujeitos, que gera o aprofundamento da consciência de si. Para Vygotsky (2001), a emancipação está ligada aos repertórios adquiridos nos contextos vividos. A consciência histórica das práticas em que os sujeitos estão envolvidos move seu desenvolvimento. É a qualidade da inserção nas relações sociais que gera ação.

A filósofa Agnes Heller (2004), que se dedicou a estudar a relação entre afeto e vida cotidiana, afirma que os sentimentos implicam em envolvimento e comprometimento com algo, podendo variar em uma diversidade de possibilidades entre o concreto e o abstrato. Já a psicóloga social Zulmira Bomfim (2010) afirma que a afetividade é uma categoria ético-política de implicação das pessoas em suas coletividades. Os graus de comprometimento variam em cada contexto.

Em Bonfim (2010), a afetividade é a categoria que norteia as ações éticas na cidade. O envolvimento das pessoas com a cidade indica a existência de vínculos emocionais, em que a dimensão ético-política pode ser compreendida, sobretudo, como

uma relação afetiva com o lugar, com as pessoas e com as relações sociais estabelecidas. Assim, afetividade é potência de ação.

A participação é amplamente incentivada, como um dos pilares da Educação Ambiental para sociedades sustentáveis. Sob a perspectiva da formação dos sujeitos ecológicos, ela implica nas habilidades sociais dos sujeitos para identificar problemas e mobilizar seu entorno a intervir em prol de sua resolução (Carvalho, 2008). A orquestração entre pensamentos, sentimentos e comportamentos transforma a realidade.

Metodologia

Adotamos o estudo de caso como estratégia investigativa qualitativa. O estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, valendo-se de diferentes técnicas de pesquisa, que visam apreender uma determinada situação e descrever a complexidade de um fato (Marconi; Lakatos, 2011). O uso de múltiplas fontes de evidência permite abordar uma variação maior de aspectos, linhas convergentes de investigação, apontando para a mesma realidade (Yin, 2015).

As estratégias utilizadas para a coleta de dados foram a observação direta por meio de um roteiro socioespacial, a aplicação do Instrumento Gerador de Mapa Afetivo (IGMA), para gerar o mapa afetivo de cada visitante, e a aplicação de entrevista móvel semiestruturada. Para a análise e interpretação dos dados, optamos pela triangulação, que está alicerçada em três elementos: tratamento dos dados coletados em campo, diálogo com os autores e a dimensão conjuntura/estrutura do fenômeno investigado.

O roteiro de observação socioespacial foi elaborado com o intuito de definir os critérios para observação em campo: o que, quando, por quanto tempo, para quê, a fim de sistematizar as observações feitas, para, a partir delas, definir como usar as demais estratégias. O roteiro foi utilizado nas duas etapas de observação direta: de setembro de 2019 até março de 2020 e entre maio e agosto de 2022.

Quadro 1 – Modelo de Roteiro de observação de campo

Local	Dia	Horário	Anotações

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Quadro 2 – Roteiro de observação de campo

Instrumento Gerador de Mapa Afetivo (IGMA)	
Desenho	Elaborar um desenho para representar o lugar em questão, do modo como lhe convier. Não há regra quanto à qualidade ou à fidedignidade do desenho.
Significado	Explicar o significado do desenho.
Sentimentos	Expressar quais sentimentos o desenho evoca no participante. Após, resumi-los em seis palavras.
Qualidades	Manifestar o que pensa do lugar.
Comparação	Comparar o lugar com o que desejar, sem restrições.
Percursos espaciais	Descrever dois caminhos que costuma percorrer no lugar, listando as coordenadas do percurso.
Envolvimento sociopolítico	Informar se participa de grupos comunitários e, em caso afirmativo, descrever o grupo.
Perfil dos participantes	Dados socioeconômicos dos participantes.

Fonte: Bomfim (2014), adaptado pela autora (2022).

Coletamos dados para elaboração do mapa afetivo, que consiste em um método de investigação dos afetos dos sujeitos por um espaço físico ou simbólico. Por meio da categorização dos sentimentos e das qualidades identificadas, produzem-se mapas que expressam as representações da afetividade dos frequentadores pelo espaço (Bonfim, 2014). Cada sujeito que respondeu ao IGMA teve seu mapa individual gerado. O modelo do questionário encontra-se na tabela 2 e a organização dos dados no formato de mapa afetivo encontra-se na tabela 3.

Quadro 3 - Mapa individual dos frequentadores

Gênero - Idade	Escolaridade	Residência	Frequência no parque
Desenho	Sentimento	Qualidade	Metáfora
Significado			Imagem afetiva
Sentido			

Fonte: Bomfim (2014), adaptado pela autora (2022).

Um quantitativo de 149 frequentadores preencheu o questionário, dos quais três foram excluídos. Dos 146 restantes, 84 mulheres e 54 homens (oito não declarados) responderam ao questionário, e desses, 11 optaram por também participar da entrevista móvel semiestruturada. Como critério para seleção, foram definidos: idade a partir de 18 anos, presença nas dependências do parque ecológico, disponibilidade e interesse em responder o instrumento de pesquisa, que foi aplicado entre os meses de julho e agosto de 2022.

O procedimento de identificação dos frequentadores foi realizado, voluntariamente, apenas por aqueles que se colocaram à disposição para realizar a entrevista móvel semiestruturada. A coleta de dados para o IGMA foi encerrada quando as respostas obtidas não acrescentavam uma quantidade de informações inéditas que justificasse a continuação da sua aplicação.

The walking interview, traduzida como entrevista em movimento, ambulante ou móvel, consiste em realizar as entrevistas durante uma caminhada, em percurso que pode ou não ser previamente definido. É uma técnica de entrevista que possibilita maior aproximação com os entrevistados, pois descaracteriza o modelo formal de interação entrevistador-entrevistado e possibilita, também, maior interação com o espaço físico onde ocorre (Evans; Jones, 2011).

Quadro 4 – Roteiro de entrevista móvel semiestruturada

Roteiro de entrevista móvel semiestruturada
O que esse parque significa para você?
Na sua opinião, qual a importância do Parque Olhos D'água para Brasília?
A pandemia alterou sua relação com o Parque Olhos D'água? O que mudou? Por quê?

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

As entrevistas ocorreram entre os meses de julho e agosto de 2022, no Parque Olhos D'água, entre as 17h30 e às 20h e duraram entre 10 e 20 minutos cada, sendo realizadas no percurso da pista de caminhada. Um quantitativo de 53 respondentes do IGMA se voluntariou a realizar a entrevista. Ao contatá-los em momento posterior, apenas 11 se mantiveram dispostos a participar da entrevista. As entrevistas foram tratadas por meio da técnica da análise de conteúdo.

Em todos os procedimentos de coleta de dados, em 2022, usamos máscaras de proteção e *kits* de higienização de mãos. Ao fazer as incursões para observação direta no segundo período (2022), optamos por seguir usando máscaras e *kits* de higienização, pois consideramos mais adequado manter as condutas de proteção, já que a vacinação para a COVID-19 permanecia inconclusa para todos os segmentos etários à época em que estivemos em campo.

Resultados

O perfil dos frequentadores do Parque Olhos D'água, no que se refere à faixa etária, é diversificado. Há uma predominância do público jovem, cujo percentual entre 18 e 25 anos é de 27,7%. Na observação dos intervalos de 26 a 30 anos, de 31 a 35 anos, de 41 a 45 anos e mais de 50 anos, os percentuais giram entre 12% e 15%, sugerindo atratividade do parque entre diferentes públicos por recorte etário.

Quadro 5 – Participantes por idade

Intervalo	Número de entrevistados	Percentual (%)
18 a 25 anos	41	27,7
26 a 30 anos	23	15,5
31 a 35 anos	19	12,8
36 a 40 anos	12	8
41 a 45 anos	17	11,4
46 a 50 anos	11	7,4
Mais de 50 anos	23	15,5

Fonte: IGMA (2022).

A presença feminina é predominante, com 56,08% do gênero feminino, em relação a 37,8% do gênero masculino. No gênero feminino, temos 25,3% na faixa dos 18 aos 25 anos, 14,4% na faixa dos 26 aos 30 anos, 15,6% na faixa dos 31 aos 35 anos e 19,2% com mais de 50 anos. A maior presença masculina está em 32% na faixa dos 18 aos 25 anos, 17,8% na faixa dos 26 aos 31 anos e 14,3% na faixa dos 41 aos 45 anos.

Em relação à escolaridade, os participantes apresentam alto grau de escolaridade: chegamos ao percentual de 68,9% de entrevistados nessa faixa, o que abarca graduados (25,68%), pós-graduação *Lato Sensu* (22,97%) e pós-graduação *stricto sensu* (20,27%).

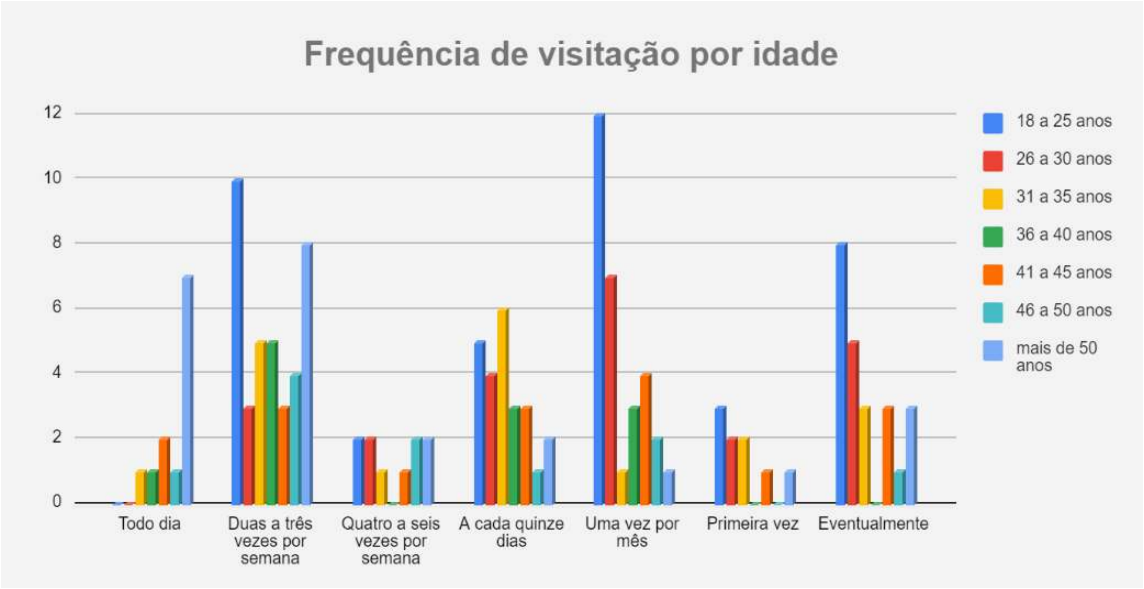
O maior percentual por faixa individual é o de Ensino Médio completo (27,03%), que contempla também estudantes de graduação, em fase de formação.

No que se refere à renda, os frequentadores têm alta renda familiar, contemplando 51% dos entrevistados na faixa entre quatro e 12 salários-mínimos, assim apresentados: 20,9%, de quatro a seis salários-mínimos; 14,86%, de sete a nove salários-mínimos; e 15,54%, de 10 a 12 salários-mínimos.

No que concerne à frequência de visitação, 25,6% do público frequenta o parque de duas a três vezes por semana, enquanto 20,2% costumam ir ao parque uma vez por mês, 16,2% visitam a cada quinze dias e 16,2% visitam eventualmente. Moradores da Asa Norte predominam, chegando a 33% nas faixas de frequência para todo dia e duas a três vezes por semana.

Na visitação, há predominância do gênero feminino, de duas a três vezes por semana (64,8%), enquanto no gênero masculino, é mais frequente uma visita por mês (51,7%). Ao comparar a frequência de visitação, a predominância feminina não se resume ao quantitativo, mas, também, à frequência. Enquanto 70% do gênero feminino frequentam o parque todo dia, apenas 30% do gênero masculino faz visitas diárias.

Gráfico 1 – Frequência de visitação por idade.



Fonte: IGMA (2022).

As imagens afetivas dos frequentadores do Parque Olhos D'água foram levantadas com base na análise do significado e do sentido que os sujeitos deram ao desenho, reunidos às qualidades e aos sentimentos relacionados a eles. Nesta

investigação, os mapas afetivos são utilizados para pensar os vínculos entre sujeitos do lazer e os espaços públicos de lazer que frequentam.

Quadro 6 – Imagem afetiva do Parque Olhos D'água

Imagem afetiva	Respondentes	Percentual
Agradabilidade	114	78%
Pertencimento	31	21%
Contraste	1	1%
Destruição	0	0
Insegurança	0	0

Fonte: IGMA (2022).

A imagem da agradabilidade é predominante. Do total de 146 entrevistados, o Parque Olhos D'água foi classificado como agradável por 114 respondentes, que expressam sua interação com o parque, por meio do encantamento pelos elementos naturais, da sociabilidade e do autocuidado. "Adoro o parque e o que ele me oferece: estar em contato com a natureza" (IGMA 33). "Um oásis no meio da cidade" (IGMA 110). "O parque é um ótimo lugar para relaxar e trazer os amigos" (IGMA 97).

A agradabilidade se refere aos sentimentos, aos pensamentos e às ações que vinculam a pessoa ao lugar; pertencimento se refere à identificação pessoal com o lugar; destruição revela o desconforto com a percepção de abandono e de degradação do lugar; insegurança aponta para os sentimentos de instabilidade, medo e inconstância em relação ao lugar; contraste é a exposição de sentimentos contraditórios sobre o lugar.

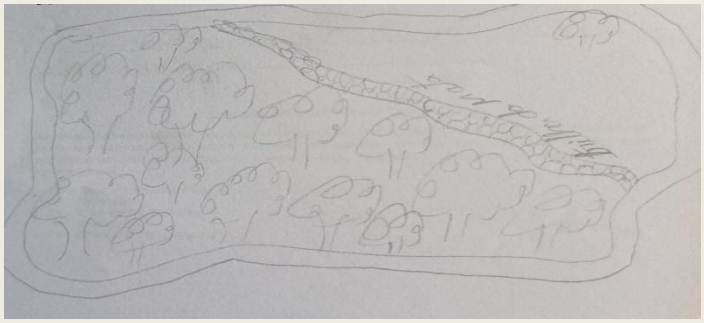
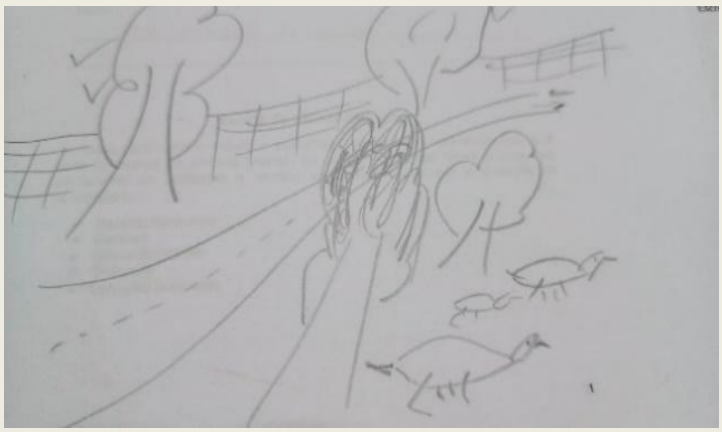
Outra constante representação da imagem afetiva da agradabilidade são as relações de sociabilidade desenvolvidas por seus frequentadores no ambiente do parque. Historicamente, os parques são espaços de encontros sociais. Fazem parte de um projeto de produção da cidade moderna e da concepção de espaço público. O uso social dos espaços públicos destinados ao lazer está ligado aos parques.

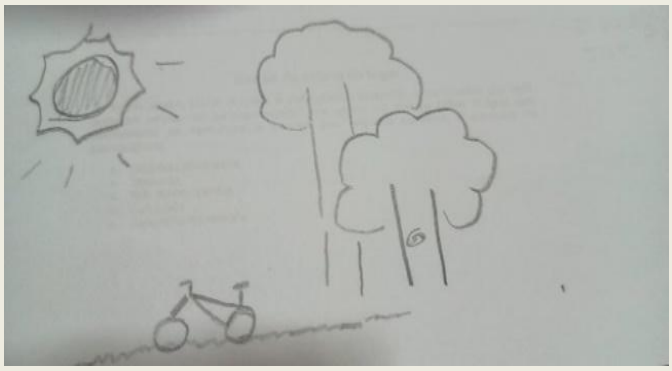
Os encontros sociais reúnem os mais diversificados grupos em torno de locais, como o gramadão, o parquinho infantil e o espaço de Educação Ambiental. Reuniões com amigos, piqueniques, datas de aniversário, passeios com familiares, encontros com grupos de interesse e atividades comuns são recorrentes e fazem parte da paisagem local. "Muito bom pra se distrair em família" (IGMA 78).

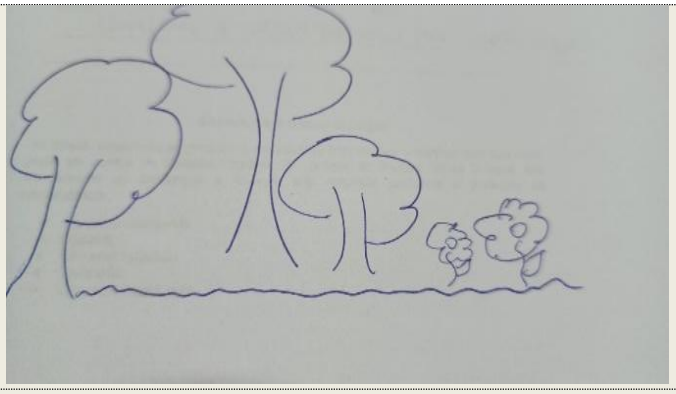
A ausência dos marcadores de insegurança e medo entre os frequentadores pode ter se dado por distintas questões. Enunciamos algumas: o Parque Olhos D' água está

localizado em um bairro de alta renda, possuindo infraestrutura qualificada, ao contrário de outros parques do DF, consideravelmente degradados. Em um espaço de lazer preservado, os aspectos referentes a essas categorias não se destacariam entre os usuários.

Figura 1 – Mapas afetivos 53, 82, 88, 112, 136.

<table>
<tr><th>Mapa afetivo 53</th><th>Gênero – Idade
Feminino 31 a 35</th><th>Escolaridade
Especialização</th><th>Residência
Asa Norte</th><th>Frequência visita 15 dias</th></tr>
<tr><td colspan="3" rowspan="2"></td><td colspan="2">Sentimentos:
Satisfação, paz, tranquilidade, prazer, alegria, calma.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Qualidades:
Agradável, arborizado, com uma boa estrutura, limpo e seguro.</td></tr>
<tr><td colspan="5">Significado do desenho:
Um dos parques mais arborizados.</td></tr>
<tr><td colspan="4">Metáfora:
Aos parques de Belo Horizonte no que se refere à infraestrutura, arborização e preservação.</td><td>Imagem afetiva:
Agradabilidade</td></tr>
<tr><td colspan="5">Sentido:
Resgate de memória de experiências anteriores em outros parques.</td></tr>
<tr><th>Mapa afetivo 88</th><th>Gênero – Idade
Masculino 50 +</th><th>Escolaridade
Mestrado</th><th>Residência
Asa Norte</th><th>Frequência visita 4/6 X semana</th></tr>
<tr><td colspan="3" rowspan="2"></td><td colspan="2">Sentimentos:
Contemplação, placidez, paz, gratidão, harmonia, equilíbrio.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Qualidades:
Refúgio em meio urbano.</td></tr>
<tr><td colspan="5">Significado do desenho:
Uma unidade de conservação urbana, onde há conjugação equilibrada entre os aparelhos urbanos, a comunidade e a natureza.</td></tr>
<tr><td colspan="4">Metáfora:
Parque da cidade porque os dois parques são semelhantes em termos de equipamentos e usufruto.</td><td>Imagem afetiva:
Agradabilidade</td></tr>
<tr><td colspan="5">Sentido:
Harmonia entre diferentes mundos: a cidade, a natureza na cidade e as pessoas na natureza.</td></tr>
</table>

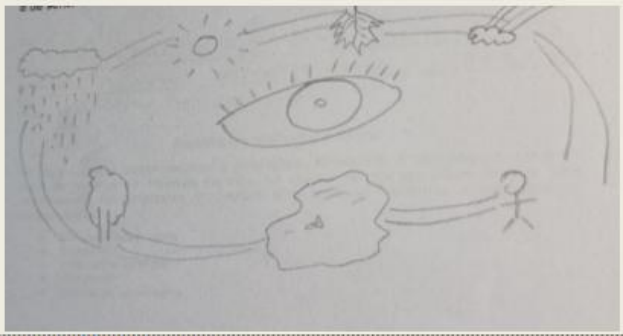
Mapa afetivo 136	Gênero – Idade Masculino 18 a 25	Escolaridade E. Fundamental	Residência Vila Planalto	Frequência visita A cada 15 dias
			Sentimentos: Amor, unidade, calmaria, paz, tranquilidade, respeito.	
			Qualidades: Ambiente muito bom, que traz boas lembranças, com muita paz e unidade com a natureza, sendo muito belo e seguro.	
Significado do desenho: Lugar de paz e harmonia, que une o ser com a 'casa comum', a natureza.				
Metáfora: Uma cachoeira, pois o sentimento e a forma natural são a mesma para mim nesses dois ambientes.				Imagem afetiva: Agradabilidade
Sentido: Casa, intimidade, lar.				
Mapa afetivo 82	**Gênero – Idade Masculino 18 a 25**	**Escolaridade Ensino médio**	**Residência Asa Norte**	**Frequência visita 2/3 X por semana**
			Sentimentos: Paz, natureza, tranquilidade, sol, exercício, aproximação.	
			Qualidades: Um achado dentro de Brasília. Nem parece que se encontra em área urbana.	
Significado do desenho: Forma que mais uso o parque.				
Metáfora: Central Park em Nova York, pela proposta de preservação em área urbana.				Imagem afetiva: Agradabilidade
Sentido: Estar fora da cidade, da vida urbana, do tempo urbano.				
Mapa afetivo 112	**Gênero – Idade Feminino 26 a 30**	**Escolaridade Mestrado**	**Residência Asa Norte**	**Frequência visita 4 /6 X por semana**
			Sentimentos: Felicidade, tranquilidade, serenidade.	

	Qualidades: Melhor e mais aconchegante parque de Brasília.
Significado do desenho: Ar puro, vegetação, qualidade de vida, calmaria, saúde.	
Metáfora: Central Park.	Imagem afetiva: Agradabilidade
Sentido: Estar em casa.	

Fonte: IGMA (2022).

O senso de pertencimento em relação ao Parque Olhos D'água se manifesta por meio da forte relação de identidade e de apego dos sujeitos ao lugar. Os desenhos, em sua maioria, são de base imaginativa. Há uma simbiose entre sujeitos e lugar, na qual se posicionam como elementos da paisagem, como sua parte constituinte. O sentimento de implicação com o lugar é predominante.

Figura 2 – Mapa afetivo 48.

Mapa afetivo 48	Gênero – Idade Feminino – de 31 a 35 anos	Escolaridade Mestrado	Residência Asa Norte	Frequência visita De duas a três vezes por semana
			Sentimentos Corporificação, ciclos, acolhimento, tempo, calma, segurança.	
			Qualidades Meu lugar de acolhimento em Brasília.	
Significado do desenho O parque me permite experenciar as mudanças naturais e climáticas do Cerrado.				
Metáfora Refúgio urbano.			Imagem afetiva Pertencimento	
Sentido Ser humano completamente integrado à natureza e partícipe de seus ciclos.				

Fonte: IGMA (2022).

O contraste apresentado se refere aos aspectos agradáveis, alegres e potencializadores da experiência no parque – um rico envolvimento com o lugar e com as relações sociais contidas nele, como os encontros com as amigas – ao mesmo tempo em que revela as insatisfações decorrentes das restrições normativas de uso público, que não são compreendidas pela frequentadora.

Discussão

Estar no parque é dispor para si de momentos essencialmente ligados à percepção de liberdade (Cuenca, 2014). "O parque representa um momento de lazer, descanso, momento para relaxar" (IGMA 67). É a liberdade de escolha em um tempo disponível, de busca por satisfação, por felicidade e por prazer pessoal, de expressar a subjetividade (Camargo 1986; Marcellino, 1995, 2006).

As experiências de lazer no parque fortalecem o *conatus* dos sujeitos que as vivenciam. Como potência, o *conatus* manifesta a permanente ação no sentido de autopreservação, sempre em movimento, sempre em expansão. É no encontro entre os corpos que nos fazemos potência, afetando e sendo afetados, ampliamos ou reduzimos nossa capacidade de agir, nosso sentido de fortalecimento pessoal.

Esses sujeitos encontram no lazer os afetos positivos, aqueles que ampliam a capacidade de agir, de se fortalecer, influenciando e sendo influenciados pelas trocas que os bons encontros proporcionam. Assim, o contato com os elementos naturais e as relações sociais reforçadas ou construídas no parque e o cuidado de si reforçam a potência de ação dos sujeitos do lazer.

Os bons encontros, aqueles pautados pelos afetos positivos, que ampliam nossa potência de agir, fortalecendo nossa existência, originam-se nas relações entre os corpos, em um contínuo afetar, afetando e sendo afetados por outros corpos e mentes, são vivenciados e expressados na estima de lugar pelo parque e "pelo repertório de pequenas alegrias desse encontro".

Alguns aspectos da história e da paisagem da cidade são expressos nos significados do parque, que se confundem com a cidade. Sociedade e paisagem são uma unidade integrada, em que os sentidos se encontram nas influências recíprocas dessas interações (Berque, 1998). "Você sabe que Brasília é a cidade-parque? As quadras têm miniparques. Na Asa Sul tem vários. Aqui (Asa Norte), os de quadra não têm. Mas tem esse... que é uma joia!*"* (Entrevista 9).

As representações da natureza se encontram com as representações da cidade, fundindo a arquitetura modernista à mancha remanescente de Cerrado. A cidade foi planejada para ser muito verde. “Trouxeram as plantas de fora. Morreram todas! Tiveram que plantar tudo de novo. Só vingou as do Cerrado. Sabia disso? Pra viver em Brasília tem que ser forte. Tem que ser planta do Cerrado” (Entrevista 6).

Nosso *conatus* manifesta nossos afetos. Quanto mais afetos positivos, maior é nosso potencial de autopreservação. E nosso potencial para ação (Espinosa, 2010). Assim, no contexto do parque, a experiência de lazer, cujo sentido está na liberdade de escolha e na realização pessoal, afirma a identidade do sujeito, suas escolhas pessoais, seu sentido de estar no mundo (Cuenca, 2014; Rhoden, 2009).

Uma outra dimensão do diálogo entre afetividade e lazer nos parques públicos, sobre a qual nos debruçamos, diz respeito às potencialidades dessa experiência – e dos vínculos afetivos nela produzidos – serem impulsionadores da ação coletiva. A potência de ação é uma possibilidade, e como tal, pode ou não vir a se tornar ação.

O parque é compreendido sob a perspectiva individual e do pequeno entorno dos frequentadores. Mesmo a experiência de passar por uma pandemia parece não ter possibilitado uma visão sistêmica da relação do parque com processos de impacto maior e mais abrangente, como a relação entre desmatamento, desequilíbrio, gestão urbana, pandemia e mudanças climáticas.

Os dados também revelam pouco entendimento acerca da função socioambiental do parque e de sua relevância para a conservação ambiental. Nenhum entrevistado fez menção à pandemia por uma perspectiva coletiva, apenas pelo olhar pessoal. O foco no individual, creditamos ao fato de os frequentadores terem um *status* social alto e não terem sido diretamente afetados pelos impactos socioeconômicos da pandemia em suas vidas.

As experiências pessoais e coletivas que propiciam o fortalecimento do *conatus* são passíveis de gerar ação, mas não necessárias para gerar ação. Outros fatores precisam ser levados em conta. Como afirma Vygotsky (2001), é a qualidade da inserção dos sujeitos nas relações sociais e do acesso a repertórios culturais que fundamenta a produção da consciência.

A ausência de um elemento de mediação, que leve seus frequentadores a estabelecerem relações entre o parque e as macros questões socioambientais, dificulta diálogos que o estar no parque possibilitaria. O Parque Olhos D’água dispõe de um espaço

destinado à educação ambiental, que é utilizado para diversas atividades socioculturais, mas não para Educação Ambiental.

Os parques ecológicos são espaços formadores e, como tal, espaços educativos, estratégicos na construção de sociedades sustentáveis. No diálogo entre afetividade e lazer nos parques, a Educação Ambiental é elemento mediador do letramento socioambiental, que possibilita a seus frequentadores compreenderem as relações conjuntura/estrutura, do local ao global.

Programas de Educação Ambiental precisam fazer parte do processo de gestão das unidades de conservação, como determinam seus planos de manejo, em diálogo com a realidade das unidades de conservação localizadas em zona urbana. Casos, como o do Parque Olhos D'água, precisam ser pensados, geridos e adequados ao contexto urbano de seu uso público.

Considerações

As unidades de conservação assumem funções públicas de natureza ambiental: manutenção do microclima, proteção da água, do solo e da biodiversidade. Em tese, toda unidade de conservação tem em seu plano de manejo diretrizes voltadas à presença da educação ambiental em suas rotinas de gestão. Na prática, poucas unidades de conservação apresentam sólidos Programas de Educação Ambiental, estejam elas em áreas urbanas ou não.

Há pouco entendimento de todas as facetas que uma área protegida assume nos processos socioambientais de uma cidade. Faz-se necessário discutir a particularidade da unidade de conservação no tecido urbano, pois ela assume outras funções para além da proteção dos recursos naturais. O lazer, como elemento de integração com o parque, é uma rica experiência, que se mostra na expressão da afetividade dos sujeitos pelo lugar.

As consistentes relações de afetividade dos frequentadores com o parque se restringem ao olhar individual. Bomfim (2010) afirma que a afetividade é uma categoria ético-política de implicação das pessoas em suas coletividades. Vygotsky (2001) ressalta que é a qualidade da inserção nas relações sociais que gera ação. Nesse contexto, a afetividade é um elemento potencializador, mas não suficiente, para tomar forma de ação coletiva.

É preciso gerar reflexão que extrapole o individual e que contribua para a ação coletiva. Os instrumentos de gestão e de fortalecimento da participação social precisam se materializar em ações concretas. A Educação Ambiental é o principal elemento dessa

mediação entre os sujeitos e as áreas protegidas. Entre a visão mítica, a cenográfica, a técnico-científica e a lúdica das nossas relações na natureza existe uma lacuna formativa-informativa a ser preenchida.

Referências

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, p. 84-91.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cidade e afetividade:** estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo. Fortaleza: EDUFC, 2010.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz *et al.* Affective maps: validating a dialogue between qualitative and quantitative methods. *In*: MIRA, Ricardo García; DUMITRU, Adina. (Ed.). **Urban sustainability:** innovative spaces, vulnerabilities and opportunities. La Coruña, ESP: Deputación da Coruña & Instituto de Investigación Xoan Vicente Viqueira, 2014.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz; DELABRIDA, Zenith Nara Costa; FERREIRA, Karla Patrícia Martins. Emoções e afetividade ambiental. *In*: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja (Orgs.) **Psicologia Ambiental:** conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. Petrópolis: Vozes, 2018.

BUTTIMER, Anne. Campo de Movimiento y sentido del lugar. *In*: GARCÍA RAMÓN, María Dolores (Org.). **Teoria y método em la Geografia anglosajona**. Barcelona: Ariel, 1985.

CAMARGO, Luiz Otavio de Lima. **O que é lazer?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. Disponível em: https://gesp.fflch.usp.br/sites/gesp.fflch.usp.br/files/O_lugar_no_do_mundo.pdf.%20Acesso%20em:%2022%20jan.%202021. Acesso em: 22 jan. 2021.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental:** a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2008.

CUENCA, Manuel. Ocio humanista: dimensiones y manifestaciones actuales del ocio. **Documentos de Estudios de Ocio**, Bilbao, España: Instituto de Estudios de Ócio/Universidad de Deusto, n. 16, 2003.

CHAUÍ, Marilena. Espinosa, uma subversão filosófica. **Revista Cult**, Local, Edição 109, 2010. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/baruch-espinosa/. Acesso em: 8 jul. 2020.

CORDOVA, Alejandro Escotto. Reseña Lev Vigotsky. Teoría de las emociones. **Estudio**, 2004.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

EVANS, James; JONES, Phil. The walking interview: methodology, mobility and place. Applied Geography, v. 31, n. 2, p. 849-858, 2011. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0143622810001141. Acesso em: 4 maio 2021.

GOMES, Christianne Luce. Relações históricas – o processo de constituição do lazer no mundo ocidental. *In*: AUTOR/A. **Lazer, trabalho e educação**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, jan./abr. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430/279. Acesso em: 12 ago. 2020.

HARVEY, David. Justice, nature and the geography of difference. **Blackwell Publisher**, 1996. Disponível em: http://pinguet.free.fr/harvey96.pdf. Acesso em: 6 jan. 2021.

HELLER, Agnes. **Teoria de los sentimientos**. Barcelona, Espanha: Editorial Fontamara, 2004.

MACEDO, Silvio Soares; SAKATA, Francine Gramacho. **Parques urbanos no Brasil**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer:** uma introdução. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MORENO, Emilia; POL, Enric. **Nociones psicosociales para la intervención y la gestión ambiental**. (Monografies socio/ambientals, 14). Barcelona: Universitat de Barcelona, 1999.

MORIN, Edgar. **O método 6:** ética. Porto Alegre: Sulinas, 2017.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

RHODEN, Ieda. O ócio como experiência subjetiva: contribuições da Psicologia do Ócio. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Local, v. 9, n. 4, dez. 2009.

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 1993.

SAKATA, Francine Mariliz Gramacho. **Parques urbanos no Brasil – 2000 a 2017**. 2018. Tese (Doutorado em...) - Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil, 2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2002.

TRATADO de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (TEASS). **Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global**. Brasil, 1992. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/tratado.pdf. Acesso em: 12 jan. 2020.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VALERA, Sergi; POL, Enric. El concepto de identidad social urbana: una aproximación entre la Psicologia Social y la Psicologia Ambiental. **Anuário de Psicologia**, Barcelona, n. 62, 1994.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 5. ed. Tradução de Cristhian Matheus Herrera. Porto Alegre: Bookman, 2015.